

Andef 35 anos

A educação como fonte para o desenvolvimento

Luís Carlos Ribeiro*

A MAIORIA dos analfabetos brasileiros está no meio rural, segundo o IBGE, realidade que vai na contramão do fato de a educação ser estratégica para o desenvolvimento. Por isso, ganham relevância os projetos de educação e treinamento realizados pelas indústrias de defensivos agrícolas

O Brasil tem diante de si um desafio crucial se pretende tornar consequente o enorme potencial econômico que ostenta. Trata-se do desafio chamado educação. A preocupação confirma-se diante do grau de analfabetismo da população brasileira, ainda acima de 10,0% em 2006, correspondente a pessoas de 15 anos ou mais, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. Trata-se de uma taxa bastante elevada, sobretudo quando comparada às de outros países do Continente Sul-Americano, como Uruguai, Argentina e Chile, cujas taxas variam entre 2,0% e 4,0%.

Mas há outro dado revelado no estudo que interessa mais diretamente aos setores envolvidos nas atividades agropecuárias: a maior população de analfabetos está no meio rural. Se não há novidade na notícia, devido às condições históricas do campo – cujos problemas o moderno agronegócio ainda não conseguiu superar totalmente – o que chama a atenção é o número persistentemente elevado. A população da zona rural tem em média 4,5 anos de estudo, enquanto a do meio urbano tem 7,8 anos. Estudos do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, Inep, indicam que, se for mantido o ritmo atual de evolução, a população rural levará mais de 30 anos para atingir o atual nível de escolaridade da população urbana.

A literatura acadêmica registra diversos estudos que atestam como a decisão estratégica de nações investirem em educação as elevou ao patamar do desenvolvimento. No Brasil, a garantia da educação básica – formação de crianças e adolescentes – é dever constitucional do Estado. Ainda assim, a iniciativa privada vem, há vários anos, desenvolvendo enorme esforço, com investimentos significativos, no sentido de reduzir o fosso do conhecimento. Bons exemplos a serem citados são o Sistema S, com destaque para o Sesi, para o qual as empresas destinam boa parte de suas receitas à educação, na forma de tributos ou mesmo de investimentos deliberados. Outra iniciativa, mais recente, digna de todo louvor e apoio, é o programa Todos Pela Educação, mantido por dezenas de empresas e com a participação de educadores, gestores públicos e representantes da sociedade civil.

Se, nas últimas décadas, o campo vem exibindo desempenho excepcional, as indústrias de defensivos agrícolas têm contribuído fortemente para esses resultados: seus investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento, por exemplo, totalizaram em 2007 expressivos US\$ 78 milhões. Mas tão importante quanto esses recursos é o fato de essas indústrias estarem investindo na sustentabilidade do meio rural por meio de outra iniciativa magnífica: a educação e o treinamento do homem do campo.

Apenas uma mostra parcial do significativo investimento em ações de *stewardship* pelas indústrias de defensivos agrícolas pode ser conferida no livro lançado este ano pela Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz, Fealq, da

Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Esalq/USP. A publicação traz os números consolidados das atividades que participaram da 12ª edição do Prêmio Mérito Fitossanitário. A iniciativa é uma das ações da Associação Nacional de Defesa Vegetal, Andef, para incentivar e reconhecer o trabalho e realizações de profissionais, indústrias, distribuidores, cooperativas e centrais de recebimento de embalagens vazias que se destacam nas iniciativas de educação e treinamento do homem do campo e de responsabilidade socioambiental. Para sua realização, o prêmio tem o apoio da Associação Nacional dos Distribuidores de Insumos Agrícolas e Veterinários, Andav; Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias, inPEV; e Organização das Cooperativas Brasileiras, OCB.

Para se ter uma idéia do alcance desses programas, destaquem-se alguns dados. As sete empresas que apresentaram seus resultados em 2008 colocaram no campo 751 técnicos, ou 72% do total desses profissionais das indústrias. Eles desenvolveram 7.202 atividades, como palestras, dias de campo e treinamentos. Com suas ações educativas, sociais e ambientais, as empresas atingiram 9.713.068 pessoas, com investimento de R\$ 9.850,926 milhões. Em outras palavras: as indústrias de defensivos agrícolas, com o apoio das entidades parceiras, têm feito exemplarmente sua parte ao levar aos agricultores e trabalhadores do campo, na prática, o tema da responsabilidade socioambiental. ■

*Engenheiro agrônomo e gerente de Educação e Treinamento da Associação Nacional de Defesa Vegetal, Andef.